

AS CONFISSÕES DE FEDRA: FALAS QUE CONDENAM

Maria do Carmo Faustino BORGES*

RESUMO : Esta é uma leitura de *Fedra*, obra trágica de Jean Racine, na qual damos enfoque de maneira mais acentuada às cenas em que encontramos as três confissões de Fedra, o transbordar de suas emoções e a revelação do segredo que a aniquila. Estas falas caracterizam as confissões do seu amor por Hipólito. A tragédia desenvolve-se a partir dessas revelações, sendo que o poeta, de maneira genial, organiza e cria em uma tripla sequência: Fedra confessa a Enone, a Hipólito e a Teseu. A protagonista é presa do destino, traçado pelas entidades mitológicas. O contexto sociocultural e os valores da época aparecem e caracterizam alguma influência no desenvolvimento do tema, ligados a personagens da mitologia referidas no texto. O autor reproduz o mito de Hipólito e Fedra, jogando com o clássico e o moderno. Fundamentamos nossas ponderações em estudiosos como Aristóteles, Barthes, Fontes, Hubert, entre outros, cujas considerações nos favorecem para uma leitura que contempla as opções de Racine.

PALAVRAS-CHAVE: Fedra. Confissão. Mito. Tragédia.

Introdução

Os assuntos que colaboram para a formação dos grandes temas universais da literatura são sempre extraídos das experiências humanas, quando o homem é sondado em suas ações, em seus sentimentos e suas reflexões sobre o mundo onde vive. Todavia, podemos dizer que a construção e o valor das obras opera-se a partir da invenção e da criatividade do artista/escritor, ao elaborar sua obra para expressar um novo sentido à natureza e à vida de um povo de acordo com sua contemporaneidade.

* UEM - Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Departamento de Letras. Maringá - PR - Brasil. 87020-900 - mariacfabo@hotmail.com

Em *Fedra*¹, temos uma criação do mito de Hipólito, elaborada no século XVII por Jean Racine, na qual percebemos um retorno à era Clássica, principalmente quanto à estrutura textual, mas uma ruptura temática com relação às transformações sociais adequadas à época. Destaca-se na obra uma visão política (poder) e social (costumes) da Idade Moderna, além do sentimento humano ligado às paixões que vão às últimas consequências. Esta obra, publicada em 1677, lida e estudada até nossos dias, foi também reproduzida em diferentes versões.

O nosso objetivo é destacar os excertos da obra em que se configuram as falas de Fedra, decisivas para o desencadeamento da tragédia. Para tanto, primamos a atenção às cenas da peça em que acontecem os diálogos referentes às confissões de Fedra a Enone, a Hipólito e a Teseu. Deste modo, expomos excertos da obra, ideias referentes às personagens e reflexões teóricas importantes no desenvolvimento do trágico, e que se relacionam à nossa proposta. As nossas asserções fundamentam-se em estudiosos como Aristóteles, Barthes, Fontes, Hubert, entre outros, cujas considerações nos permitem compreender as ligações que Racine constroi entre o mito e a tragédia, acomodando elementos da sua época, a era moderna, e a organização textual de acordo com o mito.

Características da obra raciniana

Para melhor compreender o nosso intento de análise neste estudo literário é preciso ponderar sobre alguns aspectos socioculturais da época, bases teóricas e os elementos utilizados por Racine na construção temática de seu texto.

Jean Racine (1639-1699) nasceu em Ferté Milon, na Champagne. Aos quatro anos, orfão, foi educado por religiosos e os Solitários de Port Royal. Essa experiência ficou marcada pela doutrina religiosa cristã, o Jansenismo, fundamentada no princípio de que o homem nasceu predestinado ao céu ou ao inferno, e que o homem corrompido não alcança a sublimação. Obteve também um conhecimento sólido da Antiguidade grega. Em Paris, aos dezenove anos, conheceu Boileau, La Fontaine et Molière. Quando escreveu *Fedra* (1677), seus ex-mestres julgaram a obra perfeitamente bela e inspirada na fé cristã. Racine descreve os homens tais quais eles são, com suas paixões e fragilidades. Assim, na peça, podemos perceber que as personagens tornam-se impotentes diante de sua vulnerabilidade ao pecado ou ao decoro. Racine mostra o amor infeliz, aquele

¹ Confira Racine (2002).

que suscita o terror e a piedade, as paixões que consomem a alma e o corpo, projetados em Fedra, a protagonista.

Fedra, a obra mais famosa de Racine, é um texto trágico, baseado no mito de Hipólito. É considerada um exemplo perfeito do teatro clássico francês. Foi escrita para a aristocracia e a burguesia de seu tempo, um período de hipocrisia e liberdade restrita na França. Racine fez parte da corte de Luís XIV, o Rei Sol, grande protetor das artes, que tinha como objetivo resguardar a sua glória. A peça foi construída em versos alexandrinos, com simplicidade, harmonia e beleza, fiel às regras aristotélicas.

A tragédia em *Fedra*

De acordo com Aristóteles (1966), o mito é a representação de ações e a tragédia é uma ação completa que se origina no mito, devendo suscitar o terror e a piedade para a purificação das emoções. Dessa forma, na construção de uma peça trágica, o mito e a ação constituem os elementos fundamentais.

O texto mítico utilizado em *Fedra*, conforme alguns mitógrafos, tem origem no mito de Teseu e sua ligação com Antíope, rainha das Amazonas, da qual nasceu Hipólito, (BRANDÃO, 1998). Grande lutador e matador do Minotauro, Teseu a teria recebido para esposa como prêmio por suas proezas. Mais tarde, ele a repudiou para se casar com Fedra. No comando das Amazonas, Antíope tentou invadir a festa de casamento e foi assassinada. Hipólito, casto e consagrado a Ártemis, desprezava a afeição de Afrodite, a qual, inconformada com o desprezo de Hipólito, fez com que Fedra se apaixonasse perdidamente pelo enteado.

Entre as alterações efetuadas por Racine na tradição desse mito, temos a criação da personagem Arícia, princesa de sangue real de Atenas, irmã dos Palântidas, inimigos de Teseu. Sabendo que Teseu não gostava de Arícia, Hipólito tenta evitá-la. Com a notícia falsa de que Teseu estava morto, estimulada pela ama (Enone), Fedra confessa seu amor a Hipólito, que a repele. Mas Teseu está vivo e volta para Fedra, a qual, desesperada, culpa Hipólito de seduzi-la. Por outro lado, Fedra persegue Hipólito também por interesse e preocupação na sucessão do trono. O jovem confessa a Teseu seu amor por Arícia, mas o pai acredita na intriga da esposa e expulsa o filho de Trezena. Enone, repreendida e dispensada, atira-se ao mar. Um acidente provocado por Netuno leva Hipólito à morte. Com remorso, Fedra confessa a verdade a Teseu, envenenando-se em seguida. Ele, arrependido e angustiado por seus erros, resolve adotar Arícia.

Na peça *Fedra*, o destino está ligado às paixões humanas, o que podemos relacionar de alguma forma com o pensamento jansenista, que contraria o livre-arbítrio. A personagem Fedra não consegue mudar seu destino, ela carrega a fatalidade desde o início da narrativa. Por conta de seus ancestrais, ela é descendente e herdeira de infausta fortuna, o que a torna vítima. Assim, é torturada pelo furor do sentimento proibido que nutre por Hipólito, seu enteado, e não pode, não consegue evitá-lo, sua vontade é suprimida. Racine coloca o amor como uma doença: “*L’amour racinien, loin d’être une expérience merveilleuse, abat, dégrade le corps et l’âme, conduit à la catastrophe. La volonté est balayée. L’amour est ‘un trouble’, une folie, un mal ‘incurable’, une fièvre consumante [...]*” (BRUNEL et al, 1977, p. 253)², tal como observamos neste excerto:

*Je le vis, je rougis, je pâlis à sa vue.
Un trouble s’éleva dans mon âme éperdue.
Mes yeux ne voyaient plus, je ne pouvais parler,
Je sentis tout mon corps et transir, et brûler.
Je reconnus Vénus, et ses feux redoutables,
D’un sang qu’elle poursuit tourments inévitables.* (RACINE, 2002, v.273-278).

Eu o vi e corei, fiquei pálida ao vê-lo ;
Um tumulto se ergueu em minha alma perdida;
Meus olhos já não viam, não pude falar ;
Senti todo o meu corpo gelar e arder.
Reconheci Vênus e suas chamas terríveis,
Do sangue que me persegue, inevitáveis dores.
(RACINE, 2007, p. 379).

Teseu, rei de Atenas, havia partido fazia seis meses e não tinham notícias de seu paradeiro. Hipólito conversa com Teramene, seu mestre, e fala da decisão tomada de sair à procura do pai. Conversam longamente até que Hipólito anuncia sua saída. Enone tenta afetar Hipólito falando do mal que abate Fedra, mas ele a reprime e sai. Enfraquecida prestes a desfalecer, Fedra conversa com Enone. É puro lamento por parte da rainha que se pronuncia como moribunda, enquanto a ama tenta insistentemente tirar dela qualquer revelação sobre o mal que a aflige.

² “O amor raciniano, longe de ser uma experiência maravilhosa, derruba, degrada o corpo e a alma, conduz à catástrofe. A vontade é varrida. O amor é uma ‘perturbação’, uma loucura, um mal ‘incurável’, uma febre consumidora.” (BRUNEL et al, 1977, p. 253, tradução nossa).

Por fim Fedra se abre e confessa a Enone, revela seu amor culpado e friamente combatido por Hipólito:

Phèdre

259 De l'amour j'ai toutes les fureurs.

Oenone

260 Pour qui?

Phèdre

261 Tu vas ouïr le comble des horreurs.

J'aime... à ce nom fatal je tremble, je frissonne.

J'aime...

Oenone

Qui ?

Phèdre

Tu connais ce fils de l'Amazonne,

Ce prince si longtemps par moi-même opprimé.

Oenone

Hippolyte ! Grands dieux !

Phèdre

C'est toi qui l'as nommé!

Oenone

265 Juste ciel ! tout mon sang dans mes veines se glace.

Ô désespoir ! Ô crime ! Ô déplorable race !

Voyage infortuné ! Rivage malheureux !

Fallait-il approcher de tes bords dangereux? (RACINE, 2002, v259-268).

-Eu tenho, do amor, todas as fúrias.

-Por quem ?

-Tu vais ouvir o cúmulo do horror.

Amo... A este nome fatal eu tremo, estremeço,

Amo...

-Quem?

-Lembra-te do filho da Amazona,

Do príncipe que eu mesma oprimi tanto tempo?

-Hipólito? Meu Deus!

-Tu disseste seu nome.

-Ó desespero, ó crime, ó lamentável raça!

Infortunada viagem! Infausta margem,

Por que abordamos teus perigosos limites?

(RACINE, 2007, p. 377-379).

Como podemos deprender, a rainha não consegue conter a angústia que sente. Está acima de suas forças, de seu controle, ficar calada. Ela está subjugada à vontade de Vênus, que se vinga contra os descendentes do Sol. Esse evento desencadeia uma sequência de duas outras confissões que fecham a tragédia. Em seguida, chega a Atenas a falsa notícia de que Teseu está morto. É Enone quem relata o fato a Fedra, e continua a instigar a rainha: “Já não há rei, Senhora; ocupai seu lugar / [...] Vivei, nada mais tendes a vos censurar / Vossa flama se torna uma flama comum/ Teseu, morrendo, acaba de romper os laços / Que faziam o crime o horror de vossos fogos” (RACINE, 2007, p. 385). A rainha percebe que o trono de Atenas e os direitos de seu filho, ainda pequeno, estão ameaçados e, para defendê-los, mais uma vez ela quebra o silêncio. Nesta cena, Racine inclui a questão da ambição, elemento moderno, inexistente no mito original. O príncipe precipita-se a partir, episódio em que Fedra confessa a ele seu amor, excerto que confere a segunda confissão de Fedra:

Phèdre

*660 Moi-même devant vous j'aurais voulu marcher,
Et Phèdre au Labyrinthe avec vous descendue,
Se serait avec vous retrouvée, ou perdue.*

Hippolyte

*Dieux ! Qu'est-ce que j'entends ? Madame, oubliez-vous
Que Thésée est mon père, et qu'il est votre époux ?*

Phèdre

*665 Et sur quoi jugez-vous que j'en perds la mémoire,
Prince ? Aurais-je perdu tout le soin de ma gloire ?*

Hippolyte

*Madame, pardonnez. J'avoue en rougissant,
Que j'accusais à tort un discours innocent.
Ma honte ne peut plus soutenir votre vue.*

670 Et je vais...

Phèdre

Ah ! cruel, tu m'as trop entendue.

*Je t'en ai dit assez pour te tirer d'erreur.
Hé bien, connais donc Phèdre et toute sa fureur.
J'aime. Ne pense pas qu'au moment que je t'aime,
Innocente à mes yeux, je m'approuve moi-même,
675 Ni que du fol amour qui trouble ma raison
Ma lâche complaisance ait nourri le poison.*

*Objet infortuné des vengeances célestes,
Je m'abhorre encor plus que tu ne me détestes.
Les dieux m'en sont témoins,
ces dieux qui dans mon flanc
680 Ont allumé le feu fatal à tout mon sang,
Ces dieux qui se sont fait une gloire cruelle
De séduire le coeur d'une faible mortelle.
Toi-même en ton esprit rappelle le passé.
C'est peu de t'avoir fui, cruel, je t'ai chassé.
685 J'ai voulu te paraître odieuse, inhumaine.
Pour mieux te résister, j'ai recherché ta haine.
De quoi m'ont profité mes inutiles soins ?
Tu me haïssais plus, je ne t'aimais pas moins.
Tes malheurs te prêtaient encor de nouveaux charmes.
J'ai languï, j'ai séché, dans les feux, dans les larmes.
Il suffit de tes yeux pour t'en persuader,
Si tes yeux un moment pouvaient me regarder.
Que dis-je ? Cet aveu que je te viens de faire,
Cet aveu si honteux, le crois-tu volontaire ?
695 Tremblante pour un fils que je n'osais trahir,
Je te venais prier de ne le point haïr.
Faibles projets d'un coeur trop plein de ce qu'il aime !
Hélas ! je ne t'ai pu parler que de toi-même.
- Venge-toi, punis-moi d'un odieux amour. (RACINE, 2002, v.660-699).*

- [...] Eu mesma à vossa frente quisera avançar;
E Fedra ao Labirinto convosco descendo,
Salva estaria convosco, ou convosco perdida.
- [...] Senhora, perdoai. Eu confesso corando,
Ter acusado em falso inocentes palavras;
Minha vergonha já não sustenta vosso olhar,
E eu vou...
- [...] Ah! Cruel, compreendeste demais,
Disse o bastante para tirar-te do engano.
Pois bem! Conhece Fedra e todo o seu furor.
Amo. Não julgues que no instante em que te amo,
Inocente aos meus olhos, aprove a mim mesma,
- [...] Os deuses são a prova, os deuses que em meu flanco
Acenderam o fogo fatal ao meu sangue;

- [...] Para melhor resistir, procurei teu ódio.
De que valeram minhas decisões inúteis?
Tu me odiavas mais, eu não te amava menos.
- [...] Que digo? A confissão que acabo de fazer-te,
Confissão vergonhosa, tu a crês voluntária?
- [...] Vingate e me pune de um amor odioso. (RACINE, 2007, p. 409-411-413).

Hipólito, desesperado, foge, mas Fedra tira dele a espada. Chegam notícias de que Teseu está vivo. É Enone quem reporta à rainha a volta do rei. Mais uma vez a ama persuade Fedra a se defender: propõe que ela acuse Hipólito do crime de traição. Ela lembra a Fedra que tem a espada de Hipólito como prova de sua honra ameaçada. Teseu encontra em sua volta ao palácio e à família um ambiente pesado e hostil. O rei dirige-se a Fedra, que não pode mais recuar, ela acusa Hipólito do crime de incesto, mas foi ela quem o cometeu:

Thésée

La fortune à mes vœux cesse d'être opposée,

Madame, et dans vos bras met...

Phèdre

Arrêtez, Thésée,

915 Et ne profanez point des transports si charmants.

Je ne mérite plus ces doux empressements.

Vous êtes offensé. La fortune jalouse

N'a pas en votre absence épargné votre épouse, (RACINE, v.913 -918)

A fortuna a meus olhos não é mais contrária,

Senhora, e em vossos braços põe...

-Evitai profanar emoções tão puras.

Eu não mereço mais suaves sinais de afeto,

Foste ultrajado. A ciumenta fortuna

Em vossa ausência não respeitou vossa esposa.

(RACINE, 2007, p. 431).

Em seguida, Teseu questiona Hipólito sobre os acontecimentos. O príncipe responde que somente Fedra pode explica-los. Teseu liga os fatos ao reconhecer a espada de Hipólito. Enone entra em cena novamente e conspira contra o príncipe, alegando contra Hipólito a tentativa de sedução: “Fedra morria, Senhor, e a mão

assassina / Extinguia em seus olhos a inocente luz. / Vi quando ergueu o braço, corri a salvá-la. / Só eu pude guardá-la para o vosso amor / E lamentando o seu transe e a vossa aflição / Contra a vontade, interpretei suas lágrimas” (RACINE, 2007, p. 439).

Acusado injustamente pelo pai, Hipólito confessa que ama Arícia, mesmo sabendo que isso lhe causaria mais desgosto, mas poderia convencer Teseu de que não tinha qualquer interesse ou culpa nas acusações de Fedra e Enone. Arícia procura Teseu e tenta inocentar o príncipe. Contudo, nada pode convencer Teseu em sua fúria contra Hipólito. Teseu conta para Fedra a revelação de Hipólito e o amor por Arícia. Fedra, sentindo-se desprezada, rejeitada ao saber que Hipólito ama Arícia, fica furiosa e não desmente as acusações contra Hipólito. Ofendido e humilhado, Teseu expulsa o filho e exorta Netuno para que o mate. A rainha supunha que o rei apenas exilaria o filho, mas, quando sabe da morte do enteado, faz a sua terceira confissão:

Phèdre

Non, Thésée, il faut rompre un injuste silence :

Il faut à votre fils rendre son innocence.

Il n'était point coupable.

Thésée

Ah père infortuné !

1620 Et c'est sur votre foi que je l'ai condamné !

Cruelle, pensez-vous être assez excusée...

Phèdre

Les moments me sont chers, écoutez-moi, Thésée.

C'est moi qui sur ce fils chaste et respectueux

Osai jeter un oeil profane, incestueux. (RACINE, 2002, v. 1617-1624).

- Não, Teseu, devo romper um injusto silêncio,

Ao vosso filho devolvendo a inocência

Ele não tinha culpa.

- Ah ! pai infortunado!

E foi confiando em vós que eu o condenei!

Cruel, acreditais que basta uma desculpa...

- Fui eu que sobre um filho casto e reverente

Ousei lançar um olho impuro, incestuoso. (RACINE, 2007, p. 487).

Fedra havia expulsado Enone do palácio que se suicidou no mar. Por sua vez, a rainha envenenou-se e saiu de cena. Teseu, abatido pelo remorso, adota Arícia. Assim a tragédia se completa. Depreendemos que as confissões feitas por Fedra desencadeiam a tragédia propriamente dita, ou seja, a fala substitui a vida, falar é perder a vida, a palavra não tem retorno. Desde o início a protagonista sabe-se culpada, mas tenta manter o silêncio. Conforme ponderações de Plinval (1978), Racine explora os movimentos do coração, os impulsos cegos da natureza, por uma ordem psicológica, o que podemos observar em *Fedra*, nas alternâncias da protagonista em um jogo de amor e ódio:

[...] é Vênus toda ela, agarrada à sua presa”, é numa mulher doente, vítima de uma hereditariedade funesta, uma verdadeira “chama” que devora os sentidos e aniquila a consciência, e que por um acaso fatal, subjugando o dever, as conveniências, a honra (“Senhor, o meu ardor, contra minha vontade, se declara”), chega ao perjúrio e ao homicídio sem poder abafar as angústias do remorso. (PLINVAL,1978, p. 80).

Outras reflexões corroboram a nossa abordagem, de que a palavra denuncia o silêncio por três vezes. Barthes (1963) afirma que Fedra se aproxima de um estado mais puro da palavra e classifica suas confissões em três categorias: a primeira é épica, Fedra desenrola sua própria história, busca sua identidade; a segunda é dramática, ela se liga a Hipólito por um jogo e representa seu amor; a terceira é uma confissão literária, sua fala é coincidência total com o fato, é castigo, a tragédia esgota-se: a morte trágica de Hipólito, sua própria morte, a morte de Enone e o desespero de Teseu. Isso vem confirmar o que reflete Hubert (1988): Racine coloca em cena um herói sem poderes contra a paixão que o habita, e sua fala precipita a catástrofe; os deuses comandam o destino do homem.

Conclusão

Podemos dizer que *Fedra* é uma obra-prima porque ela apresenta estrutura e conteúdo de forma perfeita e faz parte por séculos da história literária. Há nesta obra a confirmação de um exemplo consagrado de Arte. Racine mostrou-nos que um tema pode ser reconstruído, adaptado e aplicado a qualquer cultura e em qualquer época.

Em *Fedra*, observamos que a fala é o instrumento utilizado para a evolução da tragédia, pois desde o início da peça sabemos que o silêncio da rainha está preso

a um segredo. Somente a confissão poderia libertá-la da angústia que a torturava. Enone é a personagem que Racine transformou de acordo com a sociedade para quem escreve e por atender de alguma forma mais natural à ação fundamental da peça. Depois da primeira fala de Fedra, as duas outras se sucedem em uma ordem lógica dos acontecimentos para o final trágico da peça. Evidenciamos, desta maneira, a genialidade de Racine, ao juntar a tradição ao moderno de maneira extraordinária e, até hoje, consagrada e estudada.

PHÈDRE'S CONFESSIONS: SPEECHES THAT CONDEMN

ABSTRACT: *This paper proposes a reading of Phèdre, a tragic masterpiece by Jean Racine, focusing on three scenes portraying Phèdre's confessions, the overflow of her emotions, and the revelation of her secret, which destroys her. These speeches characterize her love for Hippolyte. The tragedy develops from these revelations, once the poet organizes it in a triple sequence: Phèdre confesses to CEnone, to Hippolyte, and to Thésée. The protagonist is seized by the destiny, traced by mythical entities. The social and cultural context and the values of that time appear and exert some influence on the development of the theme – aspect that relates to the mythology characters referred to in the text. The author reproduces the myth of Phaedra and Hippolytus, playing with the Classic and the Modern. This study is based on Aristotle, Barthes, Fontes, Hubert, among others, whose reflections make it possible to contemplate Racine's options.*

KEYWORDS: *Phèdre. Confession. Myth. Tragedy.*

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Porto Alegre : Ed. Globo, 1966.
- BARTHES, R. **Sur Racine**. Paris : Seuil, 1963.
- BRANDÃO, J. de S. **Teatro Grego**: tragédia e Comédia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRUNEL, P. et al. **Histoire de la Littérature Française**. Paris: Bordas, 1977. t.1.
- HUBERT, M.-C. **Le théâtre**. 4.ed. Paris: A. Cólin, 1988.
- PLINVAL, G. **História da Literatura Francesa**. Lisboa: Editorial Presença, 1978.
- RACINE, J. Fedra. In: EURÍPEDES, SÊNECA, RACINE. **Hipólito e Fedra**: três tragédias. Estudo, tradução e notas de J. B. Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 353-489.
- _____. **Phèdre**. Paris: Hatier, 2002.

